

ETNOLINGUÍSTICA: UMA BREVE INCURSÃO

Geralda Fátima de Sousa¹
Paulo Roberto Antunes²

RESUMO

É certo que a linguagem se constitui em um fenômeno que dá ao homem a condição de entender os significados do mundo e essas significações devem ser compreendidas tendo em vista a cultura de valores que cada pessoa imprime em seu agrupamento social. Os fatores diatópicos, diafásicos e diastráticos são meios pelos quais os pesquisadores analisam os vários dialetos e conseguem explicações para muitos fenômenos linguísticos e, por vezes, os resultados obtidos dão conta de delimitar as isoglossas acerca de um fenômeno de língua em particular. Neste artigo, será feita uma breve incursão sobre a etnolinguística; tal ciência é necessária para entender a relação homem, sociedade e civilização. Alguns pesquisadores se atêm a estudá-la buscando compreender seus fundamentos e suas tarefas; outros, já têm a preocupação em relacionar o fator diatópico ao grupo étnico em questão. A pesquisa realizada neste texto é de cunho bibliográfico a partir da leitura e posteriores reflexões dos autores Coseriu (1978), Dick (1998), Barreto (2010) entre outros.

Palavras-chave: Etnolinguística; Variação diatópica; Isoglossa; Dialeto.

ABSTRACT

It is true that language is a phenomenon that gives to the man the condition to understand the meaning of the world and these meanings must be understood due to the culture of values that each person leaves in their social group. The diatopics, diafasics and diastratic factors are ways by which researchers analyze various dialects and reach explanations for many linguistic phenomenon and sometimes the obtained results are sufficient to delimit the isoglosses about a phenomenon of language in particular. In this article, it will be made a brief foray about ethnolinguistic which is a science necessary to understand the relationship between man, society and civilization. Some researchers spend time seeking to understand its logic and mission; others have already concerns in relating the diatopic factor to ethical group. The research made in this paper is bibliographic based on reflections of the authors Coseriu (1978), Dick (1998), Barreto (2010), among others.

Keywords: Ethnolinguistic; Diatopical variation; Isogloss; Dialect.

¹ Doutora em Linguística (UFMG) e Professora Titular da Faculdade Santa Rita.

² Mestre em Letras (Linguagem, Cultura e Discurso) e Professor Titular de Comunicação da Faculdade Santa Rita.

Quando uma determinada comunidade linguística faz uso de processos comunicativos através de um sistema oral, tal manifestação acústico-oral caracteriza o que se pode chamar de língua. Esse sistema carrega consigo consequências de um processo histórico, cuja dinâmica pode propiciar mudanças no conjunto lexical que forma o universo linguístico.

É sabido que as línguas se modificam, embora esse fato não se faça perceptível à consciência do falante que, por sua vez, está envolvido numa diversidade de manifestações que possibilita uma incessante marca de variação na qual podem ser facilmente apontadas as variedades dialetais.

Somam-se as diferenças etárias, as de gerações, às variações diatópicas (espaço geográfico), diastráticas (extratos socioculturais) e diafásicas (modalidades expressivas). O conhecimento dessas diferenças leva a uma melhor compreensão da língua como um todo justificando a realização de estudos exclusivamente dialetológicos¹. E, por dialetos, entende-se, aqui, os subsistemas constitutivos de um determinado sistema de língua. As relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde começa uma e termina a outra.

Sabe-se que a linguagem é a faculdade que, definitivamente, diferencia o homem dos outros animais e comunidade linguística define-se como um grupo de pessoas que compartilham, no mínimo, uma variedade de língua, além das normas de uso correto, provocando uma comunicação; conseqüente interação entre os membros pertencentes a uma determinada região. É possível analisar, em qualquer comunidade de fala, vários usos linguísticos, e isso não acontece por acaso, mas no âmbito das relações sociais pré-estabelecidas pela estrutura de cada comunidade. Assim, num contexto social, há uma valoração das variedades linguísticas utilizadas, hierarquizando a linguagem dos grupos sociais, classificando-a em “melhor” ou “pior”, ou ainda em “certa” e “errada”.

¹ Atualmente, os estudos dialetológicos têm ocupado posição de destaque dentro da Linguística pela facilidade com que as mudanças ocorrem na sociedade.

A variabilidade e a heterogeneidade são características inerentes à língua. Assim postulam Weinreich, Labov e Herzog (1968)² em estudo importante na área da variação linguística, que se coloca como uma reação ao caráter imutável e homogêneo da língua que era defendido pelo Estruturalismo.

Em geral, os critérios que determinam os padrões de uma língua se estabelecem, principalmente, pela ação da escola e dos meios de comunicação, levando os falantes de um idioma a aceitar como “certo” o modo de falar do segmento social mais privilegiado, tanto no aspecto econômico como no cultural. Com o tempo, a maneira segundo a qual esse grupo utiliza a língua vai se impondo como um padrão da gramática normativa para estabelecer conceitos de “certo” e “errado”.

Numa língua natural qualquer, o dialeto padrão é fixado, principalmente, pela ação da escola e dos meios de comunicação de longo alcance e, nesse espaço, a gramática tradicional de uma língua surge como a entidade que fixa parâmetros e estabelece para a comunidade linguística os conceitos de “certo” e “errado”. Ora, há que se considerar as diversas formas de manifestação de uma mesma língua uma vez que o processo comunicativo nas sociedades humanas concretiza-se a partir de uma habilidade inerente ao falante na condução dos atos conversacionais e na adaptação às diversas situações de fala.

Ainda sobre o termo língua, Chomsky (1970) afirma que ela é composta por “estrutura de formas e conceitos baseada num sistema de regras que determinam seus arranjos e organização.” e que “[...] podem-se combinar para resultar num produto infinito.” Uma vez que se tem um vasto material linguístico, as possibilidades para a pesquisa também são inúmeras e cada uma com uma área de abrangência diferente. Dessa forma, surge a pesquisa etnolinguística que combina língua e etnia.

Como se pode perceber, os fatores geográficos interferem decisivamente na maneira como os falantes de quaisquer regiões produzem a linguagem. É sabido que de acordo com o grau de contato do falante com outros membros da comunidade, maior será a troca linguística entre os falantes de uma língua. Isso gera uma tendência para a maior semelhança entre os atos verbais dos membros de uma

² *Empirical foundations of the language change*

mesma comunidade fazendo com que o fator geográfico seja considerado no processo sociolinguístico de análise.

Outro argumento explica a estreita ligação do espaço geográfico com os falantes: os nativos de determinado setor geográfico convergem sempre para um centro cultural, político e econômico que funciona como um polo. Dessa forma, a partir de uma atração geográfica e contiguidade física é que se desenvolve um comportamento cultural específico de uma comunidade e a distingue dos membros de outras.

Além dessas relações, outro fator há de ser considerado que é a linguagem utilizada por um determinado grupo sociocultural, ou seja, o fator geográfico ou diatópico. Algumas variações regionais podem ser, muitas vezes, sociais. Por esse motivo, é que Sapir (1969) afirmou o seguinte:

Continua de pé, entretanto, o ponto crucial de que, nas sociedades de fato existentes, uma influência ambiental, mesmo do caráter mais simples, é sempre consolidada ou mudada pelas forças sociais. É o caso, portanto, de tachar como errônea qualquer tentativa para considerar um elemento de cultura, mesmo da natureza mais simples, como unicamente devido à influência do ambiente.

Sapir (1969) afirma que muitos são os problemas que atingem a linguagem humana, quer sejam eles sociológicos, étnicos, antropológicos e psicológicos, por isso há ciências que procuram dialogar com a linguística com o intuito de realizar pesquisas em torno da linguagem partindo-se do pressuposto de que ao se analisar uma língua, consegue-se extrair informações tais como realidade cultural, costumes de uma sociedade. Dessa forma, a linguagem torna-se um símbolo utilizado pelos seres humanos em que se pode avaliar hábitos de um grupo, construindo, assim, uma realidade linguística..

Para Mattoso Câmara (1965), a língua é dado cultural e quando um etnólogo estuda uma cultura, o que vai lhe interessar mais especificamente é a língua como um aspecto importante dessa cultura. Nesse sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano, a língua, que chama a atenção dos estudiosos, pois não é, em si mesma, algo cultural, ela se presta apenas como meio de representação e comunicação.

Assim dito, os estudos etnolinguísticos se iniciaram no século XIX quando os norte-americanos começaram a se interessar em compreender como as tribos indígenas se organizavam étnica e linguisticamente. Tais estudos, que relacionavam antropologia e linguística, tiveram contribuições de vários pesquisadores como Greenberg, que estudou a dupla natureza da linguística: uma parte relacionada à cultura e a outra à semiótica.

No Brasil, tal estudo teve seu início, de acordo com Rodrigues (2001), em início do século XX, sendo Cândido da Silva Rondon, oficial responsável pela Comissão Rondon, realizada no Mato Grosso; nessa expedição, composta também por etnógrafos, a preocupação incidia no armazenamento de dados científicos dos levantamentos geográficos das línguas indígenas.

A etnolinguística é uma disciplina que tem dividido os estudiosos no que se refere à terminologia: alguns pesquisadores têm se dedicado à definição de seus fundamentos e suas tarefas; outros veem nela uma possibilidade de estudo da variedade e a variação da linguagem em relação à civilização e à cultura.

Sendo assim, a área de abrangência da Etnolinguística, de acordo com Sapir (1969), deve ter o mesmo rigor de todas as ciências, no entanto, os métodos utilizados pelo pesquisador podem variar de acordo com o interesse do pesquisador. Por conta disso, Coseriu (1978) procura delimitar as tarefas como precisar o objeto de estudo em questão. De acordo com ele, a Etnolinguística deve se ocupar em estudar a variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura.

Para melhor especificar as tarefas dessa disciplina, Coseriu (1978) propõe três planos da estrutura geral da linguagem que correspondem aos saberes e conteúdos linguísticos distintos:

- i) o plano universal do falar geral em que contam apenas a referência à realidade e ao estado das coisas;
- ii) o plano histórico das línguas em que o foco se volta para o saber idiomático, bem como o domínio de uma língua, além de seu significado;

iii) o plano individual do discurso em que o saber expressivo é o alvo principal determinado por fatores extralinguísticos.

Por isso Coseriu propõe três abordagens para a Etnolinguística: a das línguas, a do falar geral e a do discurso, cada uma delas com execuções distintas. Entre outras considerações, ele afirma que à Etnolinguística, num sentido diacrônico, estuda “as mudanças na linguagem enquanto motivadas por mudanças na civilização e na cultura”.

Trabalhando com a etnolinguística, percebe-se que tal ciência têm objetivos bem delimitados, mas têm, também, uma grande área de intersecção com outras ciências relacionadas à linguagem.

Os contextos socioculturais nos quais a língua ocorre determinam as variações justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis de serem determinados.

No caso específico do léxico, essa afirmação torna-se mais real, pois todos os conhecimentos prévios, todo um sistema de valores aliados às práticas socioculturais das comunidades linguística humanas são refletidos no léxico utilizado. Segundo Dick (1998), “A linguagem como fato social põe em destaque ações, atividades, valores e referenciais do cotidiano do grupo”. Dessa forma, as forças sociais podem transformar a língua de uma comunidade através de geração.

Já para Biderman (1978), o complexo universo semântico de uma língua “[...] se estrutura em dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico”. Os itens lexicais aqui apresentados poderão mostrar a diversidade de visões de mundo, e como cada região elabora lexicalmente esse universo.

Nesse artigo, será tratado, brevemente, a respeito de palavras e/ou expressões que mudaram a forma para se adaptarem à fala de um povo revelando, muitas vezes, um novo sentido e, conseqüentemente, um novo emprego desses termos para os usuários da língua.

A análise léxico-semântica dessas expressões evidencia a importância da criatividade lexical de um povo, a maneira como cada comunidade elabora sua linguagem fazendo surgir neologismos pelo acréscimo ou junção de palavras e/ou expressões em que elas, normalmente, não apareceriam, fazendo com que surjam outros signos e significados diferentes. Tais “criações” de denotações originais adquirem denotações diferentes da original; estruturando o novo léxico, simples ou complexo, dando um novo sentido à nova lexia estruturada. Surge um significado novo a partir de signos velhos.

Observe-se, a seguir, algumas dessas construções que são utilizadas largamente por boa parte dos falantes do Português Brasileiro.

(1) *Estar ao Deus dará*: Essa expressão que significa “estar entregue à própria sorte” surgiu em Recife, no século XVII, quando um comerciante chamado Manuel Álvares ajudava os soldados, então quando o mesmo não possuía as mercadorias necessárias, ele respondia: “Deus dará”. De tanto usar essa expressão, ficou conhecido por esse sobrenome que foi passando de geração para geração.

(2) *Bêbado como gambá*: A palavra “gambá” veio do Tupi e o complemento dessa expressão representa a forma com se capturava um gambá que era colocando uma vasilha com pinga para atrair o animal. A partir daí, toda pessoa que se apresenta com um alto grau de alcoolismo é contemplada com esse codinome.

(3) *Cor de burro quando fuge*: significa ter uma cor indefinida, meio esquisita. Na verdade, houve uma deturpação dessa expressão, pois houve uma época em que os cavalos eram usados como meio de transporte do ser humano, por isso era comum vê-los no centro das cidades. Como algumas pessoas tinham medo deles, diziam: “Corro de burro quando fuge”. Com o tempo, a última sílaba de *corro* já não era mais pronunciada, assim houve reanálise da expressão.

(4) *Picar a mula*: Ir embora. Picar é o mesmo que ferir a mula com espora para que ela ande.

(5) *Nhenhém*: Refere-se a um falatório que não tem fim. Vem do Tupi *nheem* que é o mesmo que falar. Os portugueses, no século XVI, ficavam aturdidos com o

incessante falatório dos índios tupis, por isso começaram a usar a palavra *nheem* dos índios tupis e a triplicaram para expressar quando uma pessoa fala sem parar.

(6) *Dar com burros n'água*: A expressão surgiu no período do Brasil Colonial, onde tropeiros que escoavam a produção de ouro, cacau e café precisavam ir da região Sul à Sudeste sobre burros e mulas. O fato era que muitas vezes esses burros, devido à falta de estradas adequadas, passavam por caminhos muito difíceis e regiões alagadas, onde os burros morriam afogados. Daí em diante o termo passou a ser usado para se referir a alguém que faz um grande esforço para conseguir algum feito e não consegue ter sucesso naquilo.

(7) *Tintim por tintim*: Corrente tanto no português do Brasil como em Portugal, a expressão “tintim por tintim” é utilizada para falar de alguma coisa descrita em seus mínimos detalhes. Segundo o filólogo brasileiro João Ribeiro, “tintim é a onomatopeia do tilintar de moedas”, ou seja, tintim é o barulho que uma moeda faz quando cai sobre outra. Em sua origem, a expressão “tintim por tintim” era usada para se referir a uma conta ou dívida paga até a última moeda. Assim quando se quer obter informações precisas sobre algum fato ou situação, costuma-se dizer: “Conte-me tudo, tintim por tintim”.

(8) *Fazer nas coxas*: A expressão “fazer nas coxas” surgiu na época da colonização brasileira. As telhas usadas nas construções da época, feitas de barro, eram moldadas nas próprias coxas dos escravos. Assim, algumas vezes ficavam largas, outras vezes finas, nunca com um tamanho uniforme. Foi dessa forma que surgiu a expressão, utilizada para indicar algo mal feito.

(9) *Tirar o cavalo da chuva*: No século XIX, quando uma visita iria ser breve, deixavam o cavalo ao relento, em frente à casa do anfitrião. Caso a visita fosse demorar, colocavam o animal nos fundos da casa, em um lugar protegido da chuva e do sol. Contudo o convidado só poderia colocar seu cavalo protegido da chuva se o anfitrião percebesse que a visita estava boa e dissesse “pode tirar o cavalo da chuva”. Depois disso, a expressão passou a significar a desistência de algo.

(10) *Santo do pau oco*: A origem da expressão “Santo do Pau Oco”, usada para designar pessoas dissimuladas, se originou na época do Brasil Colonial. Entre o final

do século XVII e o início do século XVIII, Portugal cobrava altos impostos sobre o ouro produzido em terras brasileiras. Uma forma que as pessoas encontraram de driblar a fiscalização da Coroa foi escondendo ouro em pó dentro de imagens de santos esculpidas em madeira oca. Acredita-se que foi dessa forma que o termo popular tenha surgido.

(11) *De mãos abanando*: Na época da intensa imigração no Brasil, os imigrantes tinham que ter suas próprias ferramentas. As "mãos abanando" eram um sinal de que aquele imigrante não estava disposto a trabalhar. A partir daí o termo passou a ser empregado para designar alguém que não traz nada consigo. Uma aplicação comum da expressão é quando alguém vai a uma festa de aniversário sem levar presentes.

(12) *Pra inglês ver*: A expressão surgiu por volta de 1830, quando a Inglaterra exigiu que o Brasil aprovasse leis que impedissem o tráfico de escravos. No entanto todos sabiam que tais regras não seriam cumpridas, assim as mesmas teriam sido criadas apenas "para inglês ver". Foi assim que surgiu a expressão.

Através de algumas exemplificações dadas anteriormente, percebe-se que a linguagem tem estreita relação com a identidade social e, ao falar, cada indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permitem a um interlocutor não só depreender seu estilo pessoal, mas também confirmá-la em um determinado grupo. A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identifiquem o país ou a região de onde cada indivíduo se origina.

A partir dos exemplos usados anteriormente, pode-se afirmar o quanto é importante a criatividade lexical da linguagem, pois faz surgir neologismos pelo acréscimo de palavras ou expressões inteiras em que elas não deveriam aparecer normalmente.

Assim a linguagem popular, sob o aspecto léxico-semântico, utiliza-se de processos de formação de palavras dos mais variados, desde o fonético-fonológico, ao morfológico e ao semântico, enriquecendo o léxico da língua.

As visões de mundo, as crenças, as ideologias de uma sociedade são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, evidenciando que a língua representa as marcas sociais e culturais de um povo.

Sabe-se que é por meio da língua que o homem expressa as ideias de sua geração, da comunidade, de seu tempo, utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida e contribui para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, ao mesmo tempo, usuário e modificador de sua língua, produzindo inúmeras situações de fala de acordo com a necessidade de seu tempo. Pode-se afirmar, então, que a língua reflete a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no seu sentido *lato*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Evanice Ramos Lima. **Etnolinguística**: pressupostos e tarefas. P@rtes. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em <www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp>. Acesso em 15/05/14

BIDERMAN, M. Tereza. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CÂMARA JÚNIOR, Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, Museu Nacional, 1965.

CHOMSKY, Noam. **Novas perspectivas linguísticas**. Petrópolis, Vozes, 1970.

COSERIU, Eugênio. **Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística**. I CONSEL. João Pessoa: 1978. (Mimeo).

DICK, Maria V. de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. **Revista Internacional de semiótica e linguística**. São Paulo, 1998, p. 97-122.

DICK, Maria Vicentina de P. do Amaral. **Aspectos de etnolinguística**: a toponímia carioca e paulistana contrastes e confrontos. São Paulo: USP.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras**. ComCiência: revista Eletrônica de Jornalismo Científico, SBPC, Linguagem: cultura e transformação, n. 23, agosto de 2001. (Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.) Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm>>. Acesso: 01, Maio, 2014.

SAPIR, Edward. **Linguística com ciência**: ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.